

## **Trigo: Proposta para a Safra 1996\***

Ivo Ambrosi<sup>1</sup>  
Roque G. A. Tomasini<sup>2</sup>  
Pedro Luiz Scheeren<sup>2</sup>  
Rui Colvara Rosinha<sup>3</sup>  
Armando Ferreira Filho<sup>2</sup>  
Manoel Carlos Bassoi<sup>4</sup>

Indubitavelmente, a triticultura nacional sofreu profundo revés em reduzido espaço de tempo. A partir do auge, alcançado em 1987, com a produção atingindo 6.2 milhões de toneladas, a atividade produtiva entrou em processo de encolhimento e desestruturação, até atingir as atuais 1,68 milhão de toneladas, previstas para 1995. Essa produção equipara-se à obtida no início da década de 1970. Todavia, a grande diferença com o cenário atual é que, naquela época, a produtividade média das lavouras era inferior a 900 kg/ha e, hoje, ultrapassa os 1.500 kg/ha. Enquanto, em 1970, se cultivavam cerca de 1.9 milhões de ha, chegando a mais de 3.8 milhões de ha em 1986, menos de 1,0 milhão de ha de terras foram utilizados com a cultura de trigo em todo o Brasil, em 1995 (Tabela 1). A crise na produção de trigo agravou-se com o fim da compra estatal, num processo muito rápido, estando todo o setor despreparado para a nova situação, principalmente por ter de competir, em desigualdade de condições, com a entrada no Brasil de produto subsidiado nos países de origem, sem o estabelecimento de salvaguardas.

Segundo a CONAB, em 1994 o Brasil importou aproximadamente 70 % do consumo doméstico de trigo. Para 1995, as indústrias estimam um consumo de 8,6 milhões de toneladas, o que implicará importar 7,0 milhões de t de trigo. No passado, importava-se alegando que o trigo nacional não tinha qualidade para panificação. Hoje a situação mudou. Pela reserva de sementes das cultivares recomendadas, para a safra de 1996, mais de 80 %

---

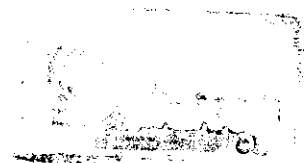
\* Elaborado em novembro de 1995

<sup>1</sup> Economista, Pesquisador da EMBRAPA-CNPT. Cx. Postal 569, CEP 99001-970 Passo Fundo, RS.

<sup>2</sup> Eng.-Agr., Pesquisador da EMBRAPA-CNPT. Cx. Postal 569, CEP 99001-970 Passo Fundo, RS.

<sup>3</sup> Eng.-Agr., Pesquisador da EMBRAPA-SPSB. Cx. Postal 569, CEP 99001-970 Passo Fundo, RS.

<sup>4</sup> Eng.-Agr., Pesquisador da EMBRAPA-CNPSO. Cx. Postal 231, CEP 86001-970 Londrina, PR



pertencem às classes Superior e Melhorador, o que atende as necessidades do mercado nacional (Tabelas 2). É imprescindível que também se produzam trigos comuns, pois são necessários para atender o mercado de biscoitos e para mistura com trigos mais fortes. Esse mercado é estimado em 1,0 milhão de toneladas.

Com a redução da produção e dos estoques mundiais do produto, o preço internacional de trigo tem aumentado, estando ao redor de US\$ 212 / t FOB, chegando aos portos brasileiros a um preço de US\$ 234 a US\$ 279 por tonelada, dependendo do local de origem. Estima-se que mais de US\$ 1,5 bilhão serão gastos na importação de trigo, em 1995. A opção pela importação, em vez de produção, significa que menos empregos e recursos foram gerados e que houve maior evasão de divisas e menor desenvolvimento interno.

Ante essa situação, entende-se que o Brasil reúne condições para produzir o trigo que consome. Essa afirmação é sustentada por produtores que adotaram as tecnologias preconizadas pela pesquisa e que obtiveram rendimentos de grãos acima de 4.000 kg/ha, superiores às produtividades dos principais países exportadores e compatível com aquelas das regiões com solos mais férteis do mundo.

Para a safra de 1996, uma grande expansão da área cultivada é inviável, devido à quantidade de semente disponível. Considerando-se a estimativa de semente que será colocada à disposição dos agricultores, as projeções de área, de produtividade e de produção, por região de produção, sob dois cenários, estão na Tabela 3.

#### ***Razões para produzir trigo***

- ***segurança*** - a produção do trigo necessário ao consumo doméstico constitui questão de segurança alimentar e até mesmo de segurança nacional;
- ***custo*** - o cultivo das áreas ociosas, com trigo, no inverno, proporciona redução de 15 a 20% nos custos das culturas de verão;
- ***sustentabilidade*** - a erosão do solo remove nutrientes que precisam ser repostos através de fertilizantes, aumentando os custos de produção, o que pode inviabilizar

economicamente a atividade agrícola. Se o solo permanecer descoberto durante o inverno, aumentam consideravelmente os problemas com a erosão. Na Região Sul do Brasil, o trigo é uma das poucas culturas de inverno economicamente viáveis que participa dos sistemas de produção utilizados, tanto no sistema convencional como no sistema conservacionista de plantio direto na palha, contribuindo para a conservação do solo e para a sustentabilidade do homem no campo;

- **desenvolvimento** - o cultivo de trigo propicia o desenvolvimento econômico das regiões produtoras através do aumento da atividade econômica, pela geração de empregos, diretos e indiretos, e pela geração e maior circulação de riquezas. Segundo o Grupo Especial de Trabalho da Câmara Setorial do Trigo, para cada 15 ha cultivados são gerados um emprego direto e dois indiretos.

O agricultor precisa de uma definição clara por parte do governo: vamos produzir ou vamos importar? Se a opção for produzir, o agricultor tem de receber sinais concretos nesse sentido. Para tanto, há necessidade de estabelecer uma política de trigo de médio ou longo prazo, com regras definidas para vigorarem por, no mínimo, cinco anos.

Adotando-se a tecnologia disponível, é perfeitamente possível atingir produtividades de 2,5 a 4 t/ha. Prioritariamente, deve ser estimulado o cultivo nas regiões tradicionais, onde a produtividade tem se mantido em níveis que viabilizam economicamente a cultura de trigo. Para isso, sugerem-se algumas medidas **políticas**, a serem adotadas com a máxima urgência :

**Semente** - Para 1996, mais de 80 % da semente produzida pertence às classes Superior e Melhorador. Com a explosão do preço de mercado do trigo, corre-se o risco de os produtores de semente venderem esse insumo como trigo indústria e, conseqüentemente, de se reduzir ainda mais a área que pode ser semeada com trigo. Para que isso não ocorra, devem ser tomadas medidas urgentes, como, por exemplo, disponibilizar recursos de AGF, imediatamente, para que os produtores tenham condições de estocar as sementes até a próxima safra.

**Preço e Comercialização** - O preço mínimo de trigo deve ser compatível com o preço no mercado internacional, livre de subsídios, e com o custo interno de produção. Esse preço está ao redor de US\$ 175,00/t, coincidindo com o valor recebido pelo produtor americano, acrescido das despesas referentes à colocação do produto no porto. Recomenda-se, ainda, a administração dos estoques governamentais de maneira a não prejudicar os produtores na comercialização de trigo na época da safra e a manutenção de vigilância sobre as importações subsidiadas, fixando-se a alíquota de importação de acordo com os estoques internos e o subsídio externo, até o limite estabelecido pelo GATT. Recomenda-se, ainda, que as importações de trigo devem ser realizadas com pagamento a vista, como forma de compensar o subsídio externo e de reduzir os estoques em poder do governo.

**Seguro** - Esse mecanismo deve constituir-se em um instrumento de incentivo à produção. Para isso, sugere-se a criação de um seguro opcional ao PROAGRO, com taxa compatível (2 ou 3 %), para assegurar exclusivamente a cobertura de anormalidades climáticas incontroláveis, que possam ocorrer eventualmente, como granizo e geada, para as lavouras semeadas dentro das épocas recomendadas, para cada região. Dessa forma, estar-se-ia desonerando o custo de produção em aproximadamente 9 %. O agricultor deve ser livre para optar em qual tipo de seguro deseja participar. Além disso, deve haver ainda a possibilidade da não obrigatoriedade de o agricultor participar do programa PROAGRO, quando existirem outras garantias para pagamento do empréstimo.

**Crédito** - A liberação dos recursos para o financiamento das atividades agrícolas deve ser feita em época oportuna, a fim de se evitar prejuízos irreversíveis, resultantes de atrasos no plantio. O montante de recursos deve estar de acordo com o projeto individual de orçamentação da assistência técnica. A semeadura de trigo inicia em fevereiro, no Brasil Central, e termina em julho, na Região Sul. Para que as políticas de apoio à triticultura surtam efeito, é necessário que sejam implementadas, no máximo, até meados de janeiro.

Tabela 1. Evolução da área, produção e rendimento de trigo no Brasil - 1970 a 1995

Ano	Área ( em mil ha)	Produção (em mil ton.)	Rendimento (kg/ha)
1970	1.861	1.735	932
1971	2.008	2.039	1.015
1972	2.340	693	296
1973	1.604	1.934	1.206
1974	2.213	2.848	1.287
1975	3.111	1.582	509
1976	3.521	3.038	863
1977	3.021	2.012	666
1978	2.794	2.710	970
1979	4.104	2.877	701
1980	3.315	2.699	814
1981	2.064	2.229	1.080
1982	2.960	1.846	624
1983	1.890	2.195	1.161
1984	1.939	1.963	1.013
1985	2.600	4.381	1.685
1986	3.855	5.684	1.474
1987	3.440	6.201	1.803
1988	3.436	5.863	1.706
1989	3.355	5.560	1.657
1990	2.681	3.094	1.154
1991*	2.042	3.014	1476
1992*	1.998	2.739	1.371
1993*	1.671	2.098	1.256
1994**	1.457	2.138	1.467
1995***	965	1.678	1.739

Fonte : \* CONAB/DIPLA/DEPOS Demais dados - CTRIN/BB

\*\* Estimativas CONAB/DIPLA/DEPOS - Fevereiro de 1995

\*\*\* Dados compatibilizados pela Câmara Setorial do Trigo, em reunião de 15/08/95.

Tabela 2. Estimativa da disponibilidade de semente fiscalizada/certificada de trigo, bruta, de acordo com a classificação comercial de cultivares, safra 96

Unidade Federativa	Classificação Comercial(%)			Total (t)
	Melhorador	Superior	Intermediário Comum	
Goiás		100,00		108
Distrito Federal		59,15	40,85	710
Mato Grosso do Sul	45,58	42,57	7,53	13304
São Paulo		73,04	26,96	1109
Paraná		83,53	12,44	180489
Santa Catarina		80,00	15,00	2180
Rio Grande do Sul		80,00	15,00	60000
Total (%)	2,36	80,41	12,98	100,00
Total (t)	6064	2078402	33473	257900

Fonte: EMBRAPA-SPSB; SEAB-PR; APROSESC; DFAARA/RS.



# EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - CNPT

Tabela 3. Estimativa de produção de trigo no Brasil, em 1996, sob dois cenários, com uso parcial de tecnologia (situação atual) e com uso da tecnologia integral recomendada pela pesquisa

Estado	Região produtora	Área estimada para 1996 (ha)	Com uso parcial de tecnologia			Com uso da tecnologia integral		
			Produtividade estimada (kg/ha)	Produção estimada (t)	Produção Total <sup>1</sup> (t)	Produtividade estimada (kg/ha)	Produção estimada (t)	Produção Total <sup>2</sup> (t)
RS	Missões	100.000	1.500	150.000		2.500	250.000	
	Oeste	50.000	1.600	80.000		2.500	125.000	
	Planalto/Serra	350.000	1.600	560.000		2.500	875.000	
	Depressão Central/Região Sul	15.000	1.500	22.500		2.000	30.000	
Subtotal		515.000				812.500	1.280.000	
SC	Planalto	50.000	1.500	75.000	75.000	2.000	100.000	
PR	Norte	600.000	1.700	1.020.000		2.500	1.500.000	
	Campos Gerais/Centro-Sul	60.000	1.800	108.000		2.500	150.000	
	Oeste	350.000	1.700	595.000		2.500	875.000	
	Sudoeste	50.000	1.600	80.000		2.000	100.000	
Subtotal		1.060.000				1.803.000	2.625.000	
MS	Grande Dourados	50.000	1.700	85.000	85.000	2.500	125.000	
SP	Vale do Paranapanema (Sequeiro)	30.000	1.700	51.000		2.500	75.000	
	Guaira (Irrigado)	3.000	3.500	9.000		4.500	13.500	
Subtotal		33.000					60.000	
MG	Irrigado	4.000	3.500	12.000		4.500	18.000	
	Sequeiro	2.000	1.500	3.000		2.500	5.000	
Subtotal		6.000					15.000	
DF e GO	Irrigado	8.000	3.000	24.000	24.000	4.500	36.000	
Total		1.720.000		2.874.500	2.874.500		4.277.500	

Total 1 - Produção estimada na situação atual.

Total 2 - Produção estimada com uso da tecnologia integral recomendada pela pesquisa  
Fonte: SCHEEREN & FERREIRA FILHO (EMBRAPA-CNPT).